

A Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 4 de janeiro

Tristes prognosticos

A' hora a que escrevemos, echoam ainda no parlamento as palavras proferidas por Sua Magestade, lendo o discurso da corôa, palavras que não deixaram d'echoar tambem, na alma popular!

A nação portugueza que ha tanto anceiava por quem, com pulso firme, equilibrasse as suas finanças e a sua moralidade, sentiu como que uma esperança animadora ao ver investido do alto cargo que actualmente exerce, o sr. presidente do conselho!

Curta e bem curta foi infelizmente essa expectativa!

Bem depressa esqueceu o sr. José Dias, todos os seus trabalhos, toda a sua doutrina accentuadamente liberal e democratica, prégada durante 20 annos nas cadeiras da opposição.

Não sabemos a que attribuir a metamorphose operada na pessoa do actual chefe do gabinete!

Seria a vaidade e a ambição, que triumpharam da razão e da justiça?

Ou o sr. José Dias terá sido hypnotisado por algum poder estranho a que não pôde fugir?

Não sabemos, nem mesmo que conhecessemos essas razões, teriam ellas para nós valor algum!

Melhor seria que, desde o momento que o sr. presidente do conselho comprehendeu não poder satisfazer ás suas promessas e ao seu pro-

gramma, cahisse, coberto pelos applausos do paiz, do que levantasse contra si a desconfiança e o indifferntismo que o mesmo paiz hoje lhe vota!

Lançando-se nas aventuras da politica quando presidia a um gabinete extra-partidario, s. ex.^a foi de pouco a pouco descendo, até que não se limitou a ficar em egual plano d'aquelles, que nos levaram á situação actual, mas ultrapassou-os na chicana mesquinha da politica de campanario, abusando descerimoniosamente do poder e das condições excepcionaes da sua investidura!

S. ex.^a inaugurou, pois, o seu novo systema de governar, não deixando d'incluir no seu moderno processo a protecção aos criminosos de alto cothurno, protegidos pelas suas fortunas e pelas suas posições, conquistadas, quantas vezes á custa de tanta infamia e de tanta vergonha!

Desde que s. ex.^a preside ao gabinete até ao famoso decreto relativo á imprensa, quantas decepções, quantos desatinos tem o povo presenciado com a tranquillidade d'um imbecil?

E como, se nada do que se tem feito e do que se tem arrancado á miseria publica, tenha saciado esta voracidade que nos consome, Sua Magestade no discurso da corôa, refere-se ao futuro augmento de novos impostos.

O povo está verdadeiramente exausto, o functionalismo depauperado e cercadissimos os seus magros vencimentos, a agricultura

paralysada, o commercio angustioso, a industria definhada e não decorrendo ainda um anno, depois que em nome da salvação publica, se veiu arrancar á manifesta miseria d'então, dez mil contos, falla-se de novo em novos impostos!

Amarga e dolorosa exigencia essa, que, quem sabe? em vez do ouro que se precisa trará, o que apenas nos falta, a revolução pela fome, pelo desespero!

Lançar novos impostos, onde?

Pois não estamos a sentir todos os dias a multiplicidade de exigencias difficeis e caras para a manutenção das nossas existencias e das nossas vidas?

Pois exigir novos sacrificios ao misero povo, que não tem que comer, que vestir, não será ir arrancar-o a esta apathia a que a miseria o habituou, lembrando-lhe que a reacção é um direito?

Crêmos bem que sim, mas, tristemente o dizemos, tudo e tudo esperamos do homem, que com o maior desplante, abusando demasiadamente de tudo e de todos, tem ido, onde nenhum outro chegou!

Depois de quasi um anno, após a elevação do sr. José Dias á presidencia do conselho, vemos apenas a anarchia no poder, a miseria no povo e a tristissima expectativa de novos tributos!

Não agouramos bem do quadro final, salvo se s. ex.^a fôr afastado do poder, cahido pela irrisão com que poderão ser acolhidas as futuras me-

didias do novo Catão financeiro!

Mas pelo que se vê, tristes antecipações e não menos tristes prognosticos!

SECÇÃO LITTERARIA

UM CONTO VERDADEIRO

Pelo amor de Deus não creiam que temos a bossa da maledicencia; ouçam este conto, de que somos simplesmente o chronista, e depois dir-nos-hão as carissimas leitoras se peccamos pelo exagero.

Isto pôde muito bem servir-nos de prologo.

Era uma vez uma boa rapariga chamada Joanna.

Em todo o viço da mocidade, d'um trigueiro pallido, e bella trança negra, era a inveja de quantos a viam; a ambição dos rapazes do logar, e a consolação dos olhos de sua velha mãe.

E elles tinham razão. Ninguem como ella sabia tanto o segredo de vestir a saia fraldicorta com aquelle abandono amoroso; pôr a romeira de chita com aquella graciosidade de uma senhora de villa; pentear-se tão singela e desaffectedamente.

Era essa a opinião da tia Rufina a mais entendida e letrada de quantas por ali havia; podera, pois, se ella até sabia lêr.

O desdem honesto de Joanna matara ao nascer muito insultosinho insolente que os rapazes lhe iam a dizer quando ella voltava da fonte.

Demais, elles sabiam que ella dera o seu coração ao Antonio da Lourença, que não era para graças.

D'uma vez sei eu que elle, só porque um lhe botara maus olhos, o pôz em lençoes de vinho.

E' claro, que nem agua, que elle estava seguro da sua Joanna, e tinha razão para isso; não se passou

uma unica noite que ella lhe não protestasse o seu amor.

E, é dos livros, as palavras e juras eram acompanhadas de seus abraços, dados com muito gosto e innocencia. E que noites aquellas! a lua lá em cima e elles cá em baixo: ella namorando as estrellas; elles, namorando-se um ao outro.

Se aquillo não era mesmo o paraizo, então não ha paraizos cá na terra.

Correram assim algumas primaveras; as descamisadas fizeram-se com uniformidade inalteravel, os bailaricos não faltaram ao domingo, e os amôres de Joanna estavam na mesmo pé, apesar de se dizer baixinho que para a colheita futura iriam receber a benção do veneravel padre Joaquim.

Approxima-se a feira de Santa Eulalia, e começavam os preparativos em grande escala.

Ora uma feira d'anno não é nenhuma frioleira; e segundo a opinião dos da Chamusca, é coisa papa fina: verdade seja que elles nunca viram outra melhor.

Não houve moça pobre que ao menos deixasse de comprar a sua fita vermelha; até o Manoel das Lamellas mandou pôr mangas novas na vestia azul.

Isto é a maior prova que se pôde dar em abono d'aquella festança, porque, aqui para nós, este Manoel era o homem menos amigo de reformas que por lá havia.

Atê dizem que votara em tres eleições no mesmo juiz, isto é, ajudara a sua reeleição com o seu voto.

Mas não julguem que o bom do homem o fez por mal; não queria alterações, e nada mais.

Finalmente chegou o grande dia: armaram-se carros, encheram-se farneis, ataviaram-se as moças, os rapazes estreadam cajados novos, e marchou a aldeia em peso para a feira.

Isto succedeu n'uma estiva madrugada do anno do Senhor de 18...

A legua de mau caminho, que medeia entre um e outro logar, não era distancia que causasse espanto; nenhum ia lá que não a tivesse já percorrido sem dar por tal.

Acabaram-se a festa e a feira e

Folhetim da FOLHA D'OVAR

O ULTIMO ADEUS

(PARODIA)

Pasta! não posso mais gozar-te em vida, filha querida, prestes a acabar!
Quem te arrancára do barril do lixo, onde entra o bicho que te vae matar!

Vamos á fava! Mas depois da morte, quem sabe a sorte, além do cemiterio?
Que anceio, *pasta!* que terror sinistro!
Tu... sem ministro!.. e eu... sem ministerio!..

Não! Deus é pae! E se na cruz morreu, tambem soffreu est'alma acerba dôr!
Sejam meus prantos uma eterna gloria da nossa historia, infecta de bolôr!

Vae, *pasta!* os outros te recebam ledos! guarda os segredos que me ouviste a mim!
Reza com elles muitas orações aos *salpicões* pela minh'alma, sim?

Vael dize aos outros que te dêem ventura, pela amargura que por cá soffri!
Em mim perdeste um *genial* papá,
qual Tibitá, *bi ti bi ti bi ti...*

Ai flôr de couve com verdinhos grêlos, que amor, que anhelos eu por ti sonhei!
Ai rica pasta, meu *fiel brinquedo,* morrer tão cedo nunca imaginei!

Teu pae, corrido pela sorte ingrata, andou á cata d'um *poleiro* novo!
Em vão, em vão! Decerto foi castigo!
Não acha abrigo ao lado do *Zé povo!*

Eu fui o *heroe* que já deu leis á terra que a cinza encerra do Camões e Gamal
eu fui um astro luminoso e ardente,
que fiz *decente* o que era podre e lama!

Emfim, deixal-os! Eu perdôo aos maus. aos taes *bisnâus* que me pagaram mal!
Não choro os dias de maior prazer, porque hão-de ter a morte á minha igual!

Vou dar-te um *chocho* bem *repenicado*, n'esse costado que não tem bom cheiro?
Só te desejo, a ti, que me confranges, que em breve arranjes *phrygial poleiro!*...

Aveiro, 23 de dezembro de 1892.

Thomé das Cantigas.

os povos da Chamusca voltavam a seus penates, radiantes de jubilo.

E digam lá que a felicidade se encontra unicamente entre as sumptuosidades dos nobres e as saudes dos banquetes opiparos.

O bom do Antonio da Lourença era o unico que não partilhara da alegria geral.

E' que elle vira, assim a occultas, uma desconhecida mão, calcando a pretenciosa luva branca, entregar o quer que seja á sua Joana.

Ora ahí está a razão porque elle se tornara frio como o flocco de neve, indifferente como o tronco da arvore secular, triste como o cy-preste do cemiterio.

(Continúa)

Entre dois amigos

—Olá meu Jayme! Como vais Torres?

—Eu um pouco arreliado;—Porquê?

—Porquê?... então não sabes?...

—Se o disseres ficarei sabendo.

—Tu não sabes que a senhora D. M. disse que eu era antipathico!

—Então que tem isso?... de mim diz ella o mesmo e com tudo...—Pois sim mas é que eu hei-de embaçal-a quando tiver occasião.

—Sabes que mais? Com descendentes de *Visos Reis* não nos podemos metter.

—De *Visos Reis*? que estás tu para ahí a dizer?

—Pois tu não sabes que ella disse ser descendente d'uns taes *Visos Reis*; lá d'uns *Reis* que ella sabe, e não se recorda que é neta d'um sapateiro?...—Ah! ah! ah! tu gracejas?...

—Palavra d'honra...

—Então ella teve o arrojo de me chamar antipathico, e que a fiz embatocar n'uma reunião pelo simples facto de lhe dizer que era muito divertida!...

—Ora o demo!...—Não digas isso homem; podem ouvir e irem dizer-lh'o.

—Já agora não me importa.

—Ainda assim é uma menina...

—Sapateira?...—Não digo isso; uma senhora que está para fazer exame de professora...—Ah! ah! ah! que eximia, que bella professora, ella ha-de ser!...—Deixa lá: o irmão, que nós chamavamos o *Sabio da Grecia*, sahio afinal um estudantão... fino como o meu cavallo!...

—Ora, ora, ora; então aquelle padréco que traz nos pés umas charruas, envergando uma vestimenta de parrano?

—Sim, esse mesmo.—Mas diz-me cá; afinal que faz aqui esse monge montesinho?—Que faz?! fôrmas; deita remotes e meias solas como qualquer irracional.

—Então elle estudou para padre, ou para sapateiro?...

—Bonita pergunta!...

—Elle estudou para tudo. Olha que elle, e a irmã, aquella que está em Vizeu ha tres mezes aproximadamente, ganharam um dinheirão.

—Pois se te parece!... Só em deitar tombas e saltos, ganha-se, segundo dizem, muito.—Ora se ganha.

—Mas tambem parece mal uma senhora que se tem, por muito senhora, que valsa a um tempo e meio, relacionada com a sociedade...

—Qual sociedade nem meia sociedade...

—Ella sabe mais é bater sola ou pespontar á machina...

—Uma vez observei eu, (e olha que nunca ninguem o soube) ella ia a tirar as luvas e tinha as mãos

todas callejadas e completamente cheias de péz.

—Hontem disseram-me uma coisa que julguei rebenlar com riso...

—Então que foi; diz lá?...—

—Tinha eu ido ver uns caseiros que andavam a fazer uma róta, quando chegou ao pé de mim a D. B. e diz:

«O senhor não sabe o que dizem por ahí da senhora D. M. ...»

—Não, respondi-lhe.

«Dizem que ella se chegasse a contrahir matrimonio, que só lhe serviria o dr. das Caldas, ou o N. da Torre, homens com quem ella sympathisava bastante, e ainda mais do' dinheiro d'elles.»—Heim!... que tal sahio a me'rôa?...—Fiquei admiradissimo com tão nobres e azeitadas aspirações.

—Azeitadas!... que bem a ser isso?...

—Que ha-de ser? Era a mãe que vendia pela serra o azeite, e juntamente levava o calçado aos freguezes.

—Então para que faz ella critica?...

—Olha, sabes que mais? Ella é tão orgulhosa que não consente que a sua criada lhe chame só M.; quer que lhe dêem «Dom.»

—E tu julgas que essa gente lh'o negara?!

—Não, isso não; até lhe dou v. ex.^a assim como á mãe. E' só pedir por bocca. E, olha que aqui em Anreade a professora que é muito amiga d'ella, tambem é uma faca!...

—Quem me diz a mim, que o outro dos Altos, aquelle sujeito já velhote, não faz tambem côro com ellas e só na «recta avançada»?

—Pois, olha, Jayme, elle que se calle; se tivesse tino não criticaria ninguem mas *bibia a agua dos visinhos e r... matos e marcos e...*

—Diz-me cá que será feito d'uns moveis que a senhora D. B. lhe deu a guardar?...—Não sei.

—Dizem umas coisas que eu ainda hei-de averiguar e, depois explico-te tudo.

—E tambem aquella partida do Zé Ribeiro das Caldas?!

—Então que teve elle com o Zé Ribeiro das Caldas?...

—E' que elle tinha uma filha...

—Que tinha lá que elle tivesse uma filha, ou duas duzias d'ellas?...

—Tinha; e uma d'ellas era de truz e...

—Acaba, homem, acaba.

—Pois n'uma bella occasião bifou-lh'a.

—Bifou-lh'a?...—

—Sim, engrampou-lh'a.

—Bravo! bravo!

—Bravo, o quê, homem?...

—Achei boa a partida; então que queres?

—Tu pensas que por elle empalmar aquella cachopa, procedeu como devia?...

—Eu sei lá!...

—Olha, tu pareces tão bom, ou peor que elle.

—Tu és um homem ás direitas.

—Já se vê, quando vejo assim as coisas, zás... não tenho papas na lingua.

—E fazes muito bem, senão de aquí a pouco ninguem podia aturar esses berringsalhos.

—Emquanto á tal senhora que está para o concurso, deixa-m'a cá, que eu bem sei o que lhe hei-de dizer.

—Então que lhe dizes tu?...

—São só oito palavrinhas!...

—Vamos a sabel-as.

—Não é quasi nada, faço como o filho do Lopes de Mirão...

.....
O' senhora vibora você é o dia-bo...

Sinfronio.

NOTICIARIO

Expediente

Prevenimos os nossos assignantes que vamos principiar a cobrança do 2.º semestre d'este jornal.

Engaiolado

Foi preso no Porto um dos meliores que ha tempos se raspou das cadeias d'esta villa.

O melro, que se chama Manoel Fernandes, consta-nos que está implicado n'um roubo praticado ultimamente no Porto.

Mal diria o Manoel Fernandes que a liberdade lhe duraria tão pouco tempo.

Entre nós

Estiveram no domingo os nossos amigos Augusto Zagallo de Lima, José Vidal, de Aveiro, Julio Brandão e familia, do Porto, José Maria da Graça Soares de Souza e familia, de Oliveira de Azemeis, dr. Manoel Barbosa de Quadros e familia, de Estarreja, Manoel Maria Ferraz de Abreu e familia, de Estarreja, Manoel Bismark, e outros que vieram assistir á recita que houve no nosso theatro.

Companhas de pesca

Além das 4 companhias de pesca que trabalhavam na nossa costa, teremos este anno mais duas, sendo senhorios d'uma o sr. Manoel Rodrigues Caetano, Bernardo Maria André de Oliveira e outros; e da segunda os snrs. Joaquim Valente de Almeida, Antonio Pereira Gomes, e outros.

Que a sorte as favoreça a todas é o nosso desejo.

Crime gravissimo

A auctoridade administrativa participou ao ex.^m delegado que uma *santinha* de S. Donato, tendo vergonha que viesse á luz do dia o fructo do seu amor, se entendera com uma sua collega para que esta fizesse desaparecer o dito fructo.

Resolvidas as cousas e visto o alfarrabio, a curandeira ministrou á *santinha* umas drogas de que resultou um aborto empregando a epifoneia meios infames e deu mais o resultado da *innocente mulher* estar ás portas da morte.

A justiça tomou conta do caso procedendo-se na segunda-feira a exame.

A curandeira raspou-se.

Influenza

Grassa com intensidade na nossa villa esta doença.

Cuidado e mais cuidado.

Incommodo

Tem estado incommodado com a influenza o ex.^m dr. Eduardo Chaves.

Desejamos as melhoras.

Chegada

A' sua casa de Vallega chegou ha dias o nosso velho amigo dr. José Maria de Sá Fernandes, integerrino juiz municipal em Sabroza.

Restabelecido

N'este estado se encontra o sr. dr. Fragateiro, nosso collega do *Povo de Ovar*.

Theatro «Ovarense»

A recita de domingo

Com uma affluencia numerosissima de espectadores como nunca vimos e de que não ha memoria e com um luzimento e animação igualmente nunca vistos, realisou-se no domingo n'este theatro a recita dada, que foi, pela tão distincta como esclarecida troupe *Hig-Life* d'esta villa. Aquella casa—podemos dizer sem reboço—estava mais que repleta, e isto uma hora antes de ter começo o espectáculo que rompeu pela comedia-drama em tres actos *Simão, o Tanoeiro*.

Apreciemos.

Dr. João Lopes, a quem coube um papel extenso e tão sympathico como difficil, porque estava fóra do seu genero, (cynico) foi indubitavelmente, o que mereceu as principaes honras que a entendida plateia lhe não regateiou, victoriando-o per vezes e com grande entusiasmo.

Este personagem apresentou-se em scena irreprehensivel e humoristicamente caracterizado, representando um velho, um verdadeiro *Tio Simão*. Recitou o seu papel com muito descanço, clareza, umas vezes com sentimento e outras com graça, no decorrer das suas scenas.

Dr. Lopes, como dissemos, foi correctissimo: foi o amator que mais sobressahiu.

Eduardo Ferraz que entrou no segundo e terceiro actos, no nosso entender tem jus aos mais rasgados elogios.

No seu papel de marquez foi perfeito; conservou no segundo acto um dialogo extenso que não esfriou os espectadores, pela maneira sympathica e placidez de espirito que interrompia quando era necessario, com muita precisão e naturalidade. Foi applaudido no final d'e-se acto pelo repentino constrangimento que denotou quando lhe foi annunciada a morte de seu filho.

Applausos merecidissimos.

Dr. Sobreira é já bem conhecido como um bom amator, de principio até final portou-se como era de esperar: um verdadeiro galã dramatico.

F. Marques, outro galã, a nosso ver um galã semi-cynico, apresentou-se com distincção, declamou e gesticulou bem, e em uma scena puchada com dr. Sobreira houve-se sem exageros.

João Coelho desempenhou o papel comico d'um usurario.

Portou-se sempre com muita graça; e J. Cunha, um creado velhote e sincero, fez rir até cahir.

E a actriz? D. Maria da Luz, uma encantadora e formosa menina de doze annos, revelou pela segunda vez que piza o palco d'aquella casa de espectaculos, verdadeira sympathia. Fez-se em scena brilhantemente vestida e com uma candura propria do seu papel e... da sua tenra idade!

As suas declamações foram cheias de meiguice, frescura e sentimentalismo; teve scenas commoventes que desempenhou cabalmente.

Dr. Amaral, Freire de Liz, Arthur Valerio e J. Marques, nos seus insignificantes mas engraçados papéis. Muito bem.

Na comedia *O criado distrahido* que fechou o espectáculo, João Coelho no principal papel de criado e unico comico, mostrou-se completamente desfigurado, com uma caracterisação propria e engraçada;

fez rir o publico a bandeiras despregadas.

D. Maria da Luz, dr. Amaral e F. Marques andaram bem.

A orchestra do sr. Valerio estava afinada; executou n'aquella esplendida noite peças novas e de gôsto.

Os côros dos tanoeiros no drama correram regularmente, bem como os *couplets* na comedia.

No meio do espectáculo, Gomes Dias recitou uma poesia original de um nosso amigo, que era intitulada «Boas Festas».

Recitou uma poesia?

Pobre poesia! Quão desditoza foi a tua sorte! Mataram-te no principio!

Bem conhecemos que Gomes Dias não estava sabedor d'ella e—ó desdita das desditas!—tinha mais um contra: estava rouco.

A plateia foi demasiada benevolente; com a mais justa frieza admirou a recitação (!) finda a qual ainda se ouviram duas palmas injustissimas que foram dadas... por compaixão!

Uma fortissima pateada é que deviam ser os louvores ao *recitante*.

Não succedeu assim como era de toda a justiça e como esperavamos, conhecendo agora que a plateia no domingo foi imparcial no decorrer do espectáculo, menos para com Gomes Dias; para este foi mais que benevola: foi d'uma provada comiserção.

Não atacamos, mas não nos conformamos com este modo de proceder.

Admitimos a benevolencia em certos cazos; ora a recitação da poesia por Gomes Dias não merecia benevolencia.

Uma forte pateada seria mais louvavel.

E' esta a nossa apreciação a tal respeito

* * *

O serviço da policia para manter a ordem publica no theatro merece censura por um lado, e por outro não a merece, porque ella não estava subordinada a ordens superiores.

O atrio d'aquella caza seriam 6 e meia da noite estava já apinhadissimo; os policiaes eram em numero de quatro e a auctoridade não se achava presente como era muito e muito necessario.

Sentimos pela primeira vez fazer reflexões desfavoraveis ao sr. dr. Alpheu Ferreira e Cruz; porém sua exc.^a não nos ha-de levar a mal que o censuremos pelo desleixo com que deixou correr algum tempo o serviço a seu cargo.

A ordem esteve por vezes em principio de alteração e o sr. administrador do concelho não se apresentava nem se fazia apresentar.

Penaliza-nos dizer que o sr. dr. Alpheu não foi talhado para administrar bem o nosso concelho.

Para outra vez sacrifique-se e seja mais diligente para não nos obrigar a reflexões justas, embora para sua exc.^a talvez amargosas, que hoje fazemos.

Partida

Partiram na terça-feira para a capital: Antonio Nobre Junior, nosso amigo e patricio que veio passar alguns dias a esta villa, e o nosso verdadeiro amigo Oliveira Vaz.

Ao primeiro appetecemos muita saude e muitas felicidades, e ao segundo que nos visite nas proximas férias da Paschoa.

«A Lucta»

Temos presente o primeiro numero d'este semanario que se publica em Braga e que se propõe defender o partido republicano. Os dois primeiros artigos estão escriptos a primor. Appetecemos longa vida e mil prosperidades ao novo collega brarense.

A nova camara

Tomou posse na segunda-feira, dos negocios do nosso municipio, os vereadores eleitos em novembro. Teremos muito a esperar dos *novos vindos*? E' o que vamos ver. O *Ovarense* insere n'este sentido um artigo d'alto estylo; porém parece-nos que em um ponto não é sensato.

Referindo-se aos novos eleitos diz:

«Mas não seria isto incentivo sufficiente, nem um motivo de confiança, assaz demonstrada na ultima eleição, se não fosse conhecida a sua já provada honradez...» Ora diga-nos o collega:

O sr. Fragateiro, que é vereador, em outros tempos não era honrado?

Quando este *firme* politico balulava o sr. dr. Aralla, defendia-o e defendia o seu partido, quem era e quaes as qualidades? Responda-nos.

Enferma

Continua no mesmo estado a digna esposa do sr. Augusto Gomes. Oxalá se restabeleça brevemente.

A questão das musicas

No proximo numero responderemos ao nosso collega *Povo d'Ovar* sobre esta questão.

E não damos já hoje o desmentido porque o espaço é curto para darmos publicidade a uma carta que nos foi enviada pelo sr. Antonio Maria Valerio, a quem pedimos desculpa, prometendo fazelo no numero proximo.

Kermesse

Referem-nos d'Oliveira d'Azeiteis:

«—A *kermesse* promovida pelas damas d'esta villa foi muito concorrida no domingo e segunda-feira. Ha bastante dinheiro apurado; e poucas prendas restam por vender.»

Correspondencias

Não temos recebido de Rezende ha já tres semanas.

As manifestações de segunda-feira

Na occasião em que o sr. Fragateiro, vereador *independente*, eleito pelos progressistas, e o sr. presidente, tomavam posse da *bem administrada* camara, no largo da Praça tocava uma musica e quatro pescadores e igual numero de *eleitores serios* fumavam o seu brejeiro á custa do vereador *independente*. O rapazio por seu lado bemdizia o vereador de todos os partidos, levantando vivas que foram correspondidos pelo echo longiuo.

Depois da *posse*, o sr. Fragateiro deu o braço ao sr. Cunha, ex-chefe do bando progressista, e lá foram os bons amigos de fresca data até á Arruella, precedidos da musica,

dos quatro *eleitores serios*, dos pescadores e do rapazio endiabrado.

No final da festança, os homens pediam um tostãozinho aos influentes para pagarem á musica!

Que manifestações! Quão conveniente foi esta ultima *viradella* do sr. Fragateiro, vereador *independente*!

Mal nós disseramos que o homem perseguido dos progressistas e a quem no seu *Povo d'Ovar*, então regenerador, tanto os maltraton, havia de por elles proprios ser eleito *vereador*.

Foi pouco e insignificante nos ganhos e nas honras este cargo, e dizemos assim porque o sr. Fragateiro illudiu-se, desde que pela primeira vez passou as palhetas aos progressistas, e foi para o sr. dr. Aralla combater a seu lado alguns annos, com a mira em ser—deputado!

Coisas d'este mundo!

CHRONICA

A SONHAR

«Theatro Ovarense» — domingo — Principia ás 8 horas!

Com a fateota de ir á missinha aos domingos, apresentei-me no theatro, já tarde, porém a tempo ainda de ir ver o espectáculo. Mas que? Não dei valor nem dispuz a minha atenção aos amadores da terra que offereceram ao nosso publico um tão agradável *passa-tempo*.

Corri demoradamente e por vezes frequentes a vista pelos camarotes; aos meus olhos não passou indifferente a plateia; as galerias tambem tomaram quinhão, pequeno quinhão, nos meus reparos.

Contra, bem contra o meu uzo, olvidei o que sobre os dandys d'esta parvonia tenha dito e escripto, e não abandonei os olhos dos camarotes, de um camarote quasi sempre.

Fallando ao geral: ricas coisas estiveram no theatro!

E em particular: a coisa que para mim, mais rica estava lá, era a feiticeira, cheia de espirito, que, á socapa, correspondia aos meus sumidos e temerosos sorrisos de cumprimento, fazendo «Caras feias»!

Por vossa causa, ó dandys desaforados, conquistadores de primeirissima plana, é que eu fui ao theatro. Avaliei e aprovei as vossas intenções, aliás, muito castas e, muito naturaes.

Ri-me dos vossos furtados sorrisos á *vossa* do vosso coração e, como vós, por um methodo especial e por enquanto ignoto na terra, tambem fiz os meus cumprimentos á minha do meu coração!

Assim entretive algumas horas: ora rindo dos dandys, ora d'ellas, das gentilissimas damas que riam, criticando, os moços da plateia; ora observando o pasmo estupidido com que algumas raparigotas, cheias de vida, ouviam o dr. Lopes e choravam quando elle fingia com toda a perfeição o choro, e patenteavam pelo seus agrados que voltariam na primeira occasião ao *triatro*—pois nunca viram tal coisa; e ora, finalmente, absorto, contemplando e rindo das «caras feias» da minha do meu *coraxis* que, por meio de claros gestos, fazia cá do Jayme um devoto de Santa Catharina!

Pela uma hora...—não, pelas duas horas...—tambem não; pelas tres e meia horas da madrugada é que o meu corpo fatigado e os meus olhos constipadissimos viram e gosaram as insubstituiveis delicias de uma cama.

Talvez á hora do meu almoço, talvez a essa hora eu ainda sonhasse

se com o theatro da noite anterior; talvez sonhasse com os encantadores e jovias *dandys* e com v. ex.^{as}, damas espirituosas, formosas e criticas; talvez a essa hora—é mais provavel—sonhasse comtigo, ó candida dos meus sonhos, ó minha cara feia!

O dia de segunda-feira apresentou-se mais formoso e mais quente do que um dia de abril.

O acaso, o acaso feliz que eu não (!) esperava, fez com que voltasse, em passeio, unicamente em passeio, a Azemeis n'esse dia.

Apeei na visinha villa no principio da tarde; jantei, passei com amigos; incuti vigor a certas almas que ultimamente têm descrido do amor; pude olhar uma vez—só uma!—á gentil e morena *romantica*; rezei á N. S. da Conceição pedindo seja o meu amparo á hora da morte e voltei triste, muito triste, muito cheio de saudades a Ovar.

Na terça-feira sonhei com a gentil e morena *romantica*, comtigo—ó minha cara feia do theatro!—e com um calote que espetei ao bom do meu sapateiro.

Só não sonhei com as leitoras! Ai, que magual!

No que, porém, o leitor e a leitora não acreditam—mas creiam—é que eu principiei a minha chronica com os olhos piscos, quasi cerrados e termino-a a sonhar.

Poderá ser? Póde, porque:

Sonhando, pensei que via No theatro a feiticeira Sonhando, jurei amar-te Casto lyrio d'Oliveira!

Ah! accordei agora e vejo que a chronica está na imprensa.

Como virá ella? Eu não tenho culpa, porque depois do theatro de domingo não tenho feito mais que sonhar, sonhar muito...

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Cartas d'algures

Amigos leitores.

João Sincero, o *estudioso academico*, que no curso que frequenta, deixa um *rasto luminoso* da sua passagem como prova da *elevada intelligencia e aptidão*; o *mimoso poeta e litterato insigne*, que tem espalhado por todo o universo as *innumerables produções* cujo estylo fluente e *rendilhado* impressiona fortemente; o *vigoroso jornalista* que tem profundamente arreigada em si, a ambição de se tornar *celebre* nas polemicas, e *sabio* na historia d'Ovar; João Sincero, o *profundo pensador*, talento *privilegiado* e espirito *radioso* nitidamente impressos n'uma *espaçosa* fronte, apparece-nos no *Povo d'Ovar*, transformado em *garroche*, usando uma *giria* mais propria de *carreirão* ou de *pescador*, do que do *inspirado auctor* da *brilhante* linguagem que *gostosamente* se lê nos seus *esplendidos escriptos*, tão cheios d'*espirito* e tão vastos de *conceitos* e de *sagacidades*.

Mette dó e compaixão, vêr um rapaz que parecia tão *polido*, enterar-se voluntariamente n'um *asqueroso atoleiro*, atirar-nos com *punhadões* de lama, pretendendo sujar-nos, e querendo fazer-nos o que elle *ingenuamente* confessa ser: *uma estrumeira da «Folha»*.

E é justo que lhe consagremos a

nossa admiração, por vêr tão *utilmente* empregados os *elevados dotes d'espirito* de que dispõe, fazendo votos sinceros para que por muito tempo continue a *desempenhar* cabalmente o *cargo* a que foi *elevado*. Não te esqueças, ó *inclito*... João Sincero, de nos *deliciar*, com a tua prosa, porque acharás sempre na brecha o teu *admirador*.

Efe.

PARECE INCRIVEL!

ROL DA LAVADEIRA

Para 192 semanas

Preço 100 rs., pelo correio 120! Vende-se na Imprensa Civilisação—Largo da Pocinha, 73 a 77.

Eugenio Cydron

EPISODIOS DA VIDA SOLDADESCA

CORDÃO SANITARIO

Preço . . . 100 réis

A venda na IMPRENSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73 a 77—Porto.

CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

LIVROS PARA REGISTO DE HOSPEDES

E relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

IMPRENSA CIVILISAÇÃO Largo da Pocinha, 73-77

DENTES BRANCOS
Hygiene da Bocca.

A AGUA DE BOTOT

Conserva os Dentes, Fortalece as Gengivas, Refresca a Bocca.

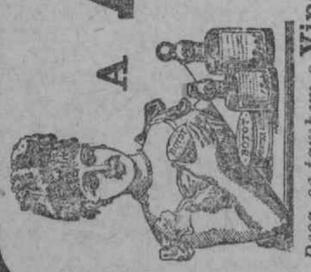
Exija-se bem a Verdadeira Agua de Botot.

DEPOSITO GERAL: 17, Rue de la Paix, PARIS.

ANTIGAMENTE: 229, Rue Saint-Honore.

VENDE-SE EM TODAS AS PERFUMARIAS.

Pega-se tambem o Vinagre de Toucador, marca Botot, superior como dehidrogen e perfume.



ANNUNCIOS JUDICIAES

Arrematação

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 15 de janeiro proximo, pelo meio dia, á porta do Tribunal Judicial da comarca d'Ovar, vão á praça para se arrematarem por quem mais offerecer sobre o seu valor, na execução de conciliação que o Padre João d'Oliveira Saborino e Affonso José Martins, movem contra Francisco Ferreira Couto e outros todos d'esta freguezia, sendo as respectivas despesas á custa dos arrematantes, os seguintes bens:

Moveis

Um barco muliceiro em bom uso, no valor de 19,200 réis.

Dois carros aparelhados, no valor de 7,500 réis.

Semovente

Um boi serrano de côr amarella, no valor de 52,800 réis.

Immoveis

Uma terra lavradia, que parte do norte com Joaquim Sardo, e sul com Manoel Sardo, no valor de 42,500 réis.

Outra terra lavradia, que parte do norte com Custodio Rabuço, e sul com Francisco d'Oliveira, no valor de réis 13,500.

Outra terra lavradia, que parte do norte com areias, e sul com caminho de serviço, no valor de 90,500 rs.

Outra terra lavradia, que parte do nascente e poente com Thomé d'Oliveira, no valor de 28,500 réis.

Todas estas terras são alodiaes, e sitas em Torrão de Lameiro, d'esta freguezia.

Legado

O legado de 50,500 réis deixado a Maria Melindra, por Maria de Souza Vinagre, no testamento com que falleceu, do qual é usufructuario vitalicio o Padre João d'Oliveira Saborino, vae á praça no valor de 18,750 réis.

Ovar, 23 de dezembro de 1892.

Verifiquei

O Juiz de Direito, Salgado e Carneiro.

O Escrivão, oão Ferreira Coelho.

ARREMATACÃO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No dia 15 de janeiro proximo, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, vae á praça para ser arrematada por quem mais offerecer, no inventario de menores aberto por obito de Francisco José de Assumpção, morador, que foi, em Guilhove, d'esta freguezia, uma casa em mau estado com terra lavradia pegada, parte d'um poço e mais pertenças, sita no mesmo logar, a partir do norte, sul e poente com Manoel da Cunha Farraia, avaliada em 50,5000 réis.

As despezas da praça e a contribuição de registro são á custa do arrematante.

Por este meio são citados os credores incertos para usarem dos seus direitos.

Ovar, 24 de dezembro de 1892.

Verifiquei

O Juiz de Direito,
Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.
(71)

Arrematacão

No dia 8 do corrente, pelo meio dia, á porta do tribunal judicial, vae pela 2.ª vez á praça, por metade do valor, para ser arrematado por quem mais offerecer, na execução que Joaquim Fernandes da Silva, de S. Vicente, e outro, movem contra João d'Aandrade e Pinho e outro; a seguinte

PROPRIEDADE:

Uma morada de casas terreas, parte d'ellas com sótão, quintal e mais pertenças, sita no logar de Cassemes, freguezia de S. Vicente, no valor de 96,250 réis.

São citados quaesquer credores.

Ovar, 2 de janeiro de 1893.

Verifiquei

O Juiz de Direito,
Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

João Ferreira Coelho.
(73)

ANNUNCIOS

Agradecimento

Profundamente penhorados para com as pessoas de quem recebemos cumprimentos e outros testemunhos de consideração e amizade, por occasião da doença, e fallecimento da nossa querida esposa, mãe, irmã e prima, agradecemos a todos por este meio, pedindo que nol-o desculpem e nos perdoem qualquer falta involuntariamente commetida.

Ovar, 23 de dezembro de 1892.

Domingos Manoel d'Oliveira Aralla.

Julia Augusta Estevam Aralla Pinto.

Maria Eduarda Estevam Aralla.

Maria Rita Estevam Aralla.

Maria Adelaide Estevam Aralla.

Manoel d'Oliveira Aralla e Costa.

Francisco Antonio Pinto.

Maria Custodia do Espirito Santo Azevedo.

José de Souza Azevedo.

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

—————

REBUÇADOS MILAGROSOS

ATESTADO:

Pela inspecção da fórmula dos **REBUÇADOS MILAGROSOS** preparados pelo habil pharmaceutico o sr. Manoel Ferreira Mendes, convenci-me de que elles deviam ser de grande utilidade no tratamento dos **PADECImentos PULMONARES COMPANHADOS DE TOSSE**. Por isso tenho prescripto estes rebuçados a muitos dos meus doentes, e os resultados obtidos, confirmando plenamente a minha expectativa, animam-me a aconselhar o uso d'este medicamento nas **DOENÇAS DO APPARELHO RESPIRATORIO, AINDA NAS MAIS GRAVES**, em que a **TOSSE** predomina.
Porto, 22 de julho de 1892.

José Rodrigues Leal de Faria.

Bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra, medico sub-chefe do serviço de saude nos caminhos de ferro do Minho e Douro, etc., etc.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

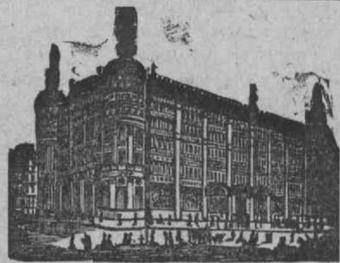
Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

MAURICIO GUÉRIN
SEGREDOS DA SCIENCIA
ARTES E OFFICIOS

A venda na IMPRENSA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 réis.



GRANDES ARMAZENS DO

Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

o catalogo geral illustrado contendo todas as novidades para a **ESTAÇÃO de VERÃO**, a quem o pedir em carta franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C^o
PARIS

São igualmente enviadas franco as amostras de todos os tecidos que compõem os nossos immensos sortimentos, especificando-nos o melhor possível os generos e os preços.

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-1.

Todas as encomendas expedidas por intermedio da nossa casa reexpedidora de Lisboa são franco de porte até aquella cidade, seja qual for a sua importancia.

Para as outras localidades, as despesas de reexpedição são por conta dos nossos clientes.

As encomendas pedidas a Paris e acompanhadas de sua importancia, podem ser expedidas directamente ao endereço do cliente, em tantos volumes postaes, franco de porte, quantas vezes 50 francos se contiverem na factura.

Para outras explicações veja-se as condições d'expedição nos nossos Catalogos.

PAPEL
De jornaes, formato grande para embrulho.
VENDE-SE
Ao kilo, a preço muito modico
Rua do Meio n.º 82—Porto
(Loja de encadernador)

Imprensa Civilisação
Largo da Pocinha, 73 a 77
PORTO

N'esta officina, imprime-se bilhetes de visita a 160, 200, 240, 300, 360 e 400 réis.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

- Cynismo, scepticismo e crença*, Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição) 300
- O captivo*, (do mesmo auctor), canção original 50
- Henriqueta, a aventureira*, (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principais scenas do drama 400
- Os homens que riem*, (do mesmo auctor), comedia em 3 actos 400
- Homens e feras*, (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos 400
- Os viscondes d'Algrão*, (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros 400
- O poder do ouro*, por Dias Guimarães, drama em 4 actos 500
- O Condemnado*, (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros 400
- Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores*, (do mesmo auctor) 400
- A Judia*, por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos 400
- Magdalena*, (do mesmo auctor), drama em 4 actos 400
- Helena*, (do mesmo auctor), comedia em 5 actos 400
- No palco* (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume 400
- Dá cá os suspensorios*, (do mesmo auctor), comedia em um acto 100
- Villão o fugitivo da cadeia do Porto*, (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos 200
- Ambos livres*, por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto 100
- Os homens de bem*, por Antonio Correia, drama original em 5 actos 300
- Tribulações d'um marido*, por João Coutinho Junior, scena comica original 100

Contos e historias diversas

- Overdadero livro de S. Cypriano*, traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas 500
- Arte para curar bois, vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes* 60
- Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens* 40
- Historia dos tres filhos, ou o gato das botas* 20
- O noivado do sepulchro* (ballada) 20
- Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo*, conforme a escreveram os quatro Evangelistas 60
- Auto de Santa Barbara, virgem e martyr, filha de Dioscoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um ancião* 40
- Acto intitulado Apartamento da Alma*, em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima 40
- Auto de Santa Catharina, virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim* 40
- Auto do Dia de Juizo*, no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Cain, Abel, Dálio, um vilão, um tabellião, um caraveiro, uma regateira e um moleiro 40
- Auto de Santo Aleixo, filho de Eufemiano senador de Roma* 40
- Auto de Santo Antonio*, livrando seu pai do patibulo 40
- O Judeu errante* (historia biblica) 20

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquellos portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer commissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados, agentes das companhias, se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Porto—IMPRENSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77